

### OS MUITOS TEMPOS DA MEMÓRIA

Júlio Pimentel Pinto\*

#### Resumo

O texto explora a pluralidade de formas de constituição da memória histórica, enfatizando a diferença e os contatos existentes entre história e memória. Nessa relação quase sempre tensa, evidenciam-se os mecanismos de produção de narrativas e de estabelecimento de diálogos entre temporalidades distintas. Nela, também, produz-se historiografia e define-se a variedade de experiências de lembrança.

#### Palavras-chave

Memória; temporalidades; narrativa histórica.

#### Abstract

*The paper explores the multiplicity of forms of historical memory constitution, emphasising the difference and the existing contacts between history and memory. In this rather tense relationship, the mechanisms of narrative production and of establishment of dialogues between distinct temporalities become evident. Furthermore, historiography is produced and the variety of recollection experiences is defined inside the relationship between history and memory.*

#### Keywords

*Memory; temporality; historical narrative.*

---

\* Professor do Departamento de História da PUC-SP.

*Sé que he perdido tantas cosas que no podría contarlas y que esas perdiciones, ahora, son lo que es mío. Sé que he perdido el amarillo y el negro y pienso en esos imposibles colores como no piensan los que ven. Mi padre ha muerto y está siempre a mi lado. Cuando quiero escandir versos de Swinburne, lo hago, me dicen, con su voz. Sólo el que ha muerto es nuestro, sólo es nuestro lo que perdimos. Ilión fue, pero Ilión perdura en el hexámetro que la plañe. Israel fue cuando era una antigua nostalgia. Todo poema, con el tiempo, es una elegía. Nuestras son las mujeres que nos dejaron, ya no sujetos a la vispera, que es zozobra, y a las alarmas y terrores de la esperanza. No hay otros paraísos que los paraísos perdidos.*

Jorge Luis Borges  
*Posesión del ayer*

Muitos já foram os conceitos e termos aplicados à produção incessante de referenciais passados, espécie de suportes e de construtores da memória: pode-se falar genericamente em construção de identidades ou, como prefere Eric Hobsbawn, em *A invenção de tradições*<sup>1</sup>, para descrever a criação de marcas que hipoteticamente surgidas do passado justifiquem inserções na realidade presente; ou em *comunidade imaginária* – bonito termo trazido por Benedict Anderson<sup>2</sup> –, que trata das imagens coletivas que o presente oferece ao passado atribuindo sentidos ao que não necessariamente tem no momento de ocorrência. Ou talvez se deixar guiar pela matriz benjaminiana<sup>3</sup> que fala do acúmulo de detritos que as representações vão impondo à história passada e o quanto distante se vai ficando da efetiva experiência vivida, à medida que os vencedores de todas as épocas seguem em seu cortejo triunfal. Por esse mesmo caminho, pode-se chegar à noção de *memória histórica* – intensamente debatida na historiografia brasileira da virada dos anos 70 aos 80<sup>4</sup> –, preocupada com o resgate de falas sepultas de projetos condenados à dimensão do silêncio pela *teia do fato*<sup>5</sup> que o sucesso político de seus

---

1 Hobsbawn, E. e Ranger, T. (orgs.). *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

2 Anderson, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo, Ática, 1982.

3 Benjamin, W. “Sobre o conceito de história” (1940), in *Magia e técnica. Arte e política. Obras escolhidas*. Vol. 1, São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 222-32.

4 Vejam-se, por exemplo: Vesentini, C. A. e Decca, E. “A revolução do vencedor”, in *Contraponto*, n° 1, Rio de Janeiro, novembro de 1976, pp. 60-71; Vesentini, C.A. “A fulguração recorrente”, in *Tudo é história*, n° 2, São Paulo, Brasiliense, 1978; Vesentini, C.A. “Maria Quitéria, história e cinema”, *Anais do Museu Paulista*, n° 29, São Paulo, 1979; Decca, E. *1930. O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

5 Vesentini, C. A. *A teia do fato. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica*. São Paulo, Hucitec/História Social-USP, 1997 (originalmente, tese defendida em 1982).

adversários políticos construiu. Também é possível falar num mundo exclusivo de discursos e de uma história que, dissolvida em historiografia, vive segundo o primado do texto, mundo em que memória e história não se diferenciam mais. Finalmente, é cabível recusar essa mistura, definir com precisão o que se entende por história e o que se concebe como memória e identificar cuidadosamente esse movimento de constituição de referenciais passados justificadores do presente por meio da localização – física ou imaginária – de *lugares de memória*<sup>6</sup>. São muitas, de fato, as opções. Muitos também os caminhos teóricos e epistemológicos que se dispõem a seguir, os tipos de investigação que fazem, as questões a que se propõem responder. Mas inevitavelmente lidam – com estratégias certamente distintas, mas sem exceções – com um problema central: o peso do passado nas representações feitas em torno dele, seus usos, suas conexões com o contexto – mesmo se não se reconhecerem diferenciações entre texto e contexto –, suas projeções políticas, sociais, intelectuais. Inevitavelmente duelam com os mecanismos de construção de um passado reconhecido na fundação da memória, pressentido – o que, já se disse, custa muito ao historiador – como *terra estrangeira*. Pela memória constituímos nosso passado: recoletamos cenas, reconformamos episódios, distinguimos o ontem do hoje, confirmamos termos experimentando um dado passado<sup>7</sup>.

Da história à memória, talvez se configure, assim, o espaço de uma poética que insiste na abordagem dos tempos idos, constituídos individualmente, mas revelados com a textura do coletivo. Do historiador ao memorioso, mas não apenas o memorioso expresso em olhos perdidos no horizonte não enxergado, não apenas o memorioso que repõe imageticamente o aedo ancestral, que penetra no Hades ao custo de sua visão terrena. Um memorioso que, por meio de um método histórico alusivo, redefine limites entre história e ficção e cifra, nessa fronteira porosa, o lugar possível da memória. Memória pelos textos, pela constituição poética. Uma poética, enfim, da memória, que, ao mesmo tempo – e não contraditoriamente –, se imiscui no terreno da história e dele se distancia, por sua própria vontade, mais interessada nos ritos de conformação do passado do que em sua percepção no momento em que relampeja. Poética que se define na preparação de uma linguagem adequada à fixação dos referenciais passados e na

---

6 Nora, P. “O retorno do fato”, in Le Goff, J. e Nora, P. (orgs.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988, pp. 179-93 (original: 1974, uma primeira versão desse ensaio, com o título de “L'évènement monstre”, foi publicada em *Communications*, n° 18, Paris, 1972); Nora, P. “Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux”, in *Les lieux de mémoire I. La République*. Paris, Gallimard, 1991.

7 Lowenthal, D. *The Past is a foreign country*. New York, Cambridge University Press, 1985, p. 193.

articulação entre as muitas temporalidades de que se compõe a memória. Poética que é, na prática, um trabalho da memória: capacidade de operar discursivamente a variedade dos tempos da memória, de estabelecer o margeamento da história, de saber que “para transpor o golfo mental entre passado e presente, comunicá-los convincentemente, e explorar relatos históricos com coerência interpretativa, requer-se sua contínua reformulação”.<sup>8</sup>

\* \*  
\* \*

História e memória, apesar das aparentes semelhanças, como é insistentemente repetido, diferem. O substrato de ambas talvez seja igual: o passado. É, em primeiro lugar, a ele, passado como temporalidade, que remetem a construção da memória ou a operação histórica. A dissonância entre os dois fazeres, porém, é grande: a memória tecida sobre um determinado evento ou conjunto de eventos dificulta a percepção histórica que se pode ter desses episódios, refaz o itinerário de atribuição de sentidos, constrói um fato oferecendo explicação coerente a episódios na origem desconexos. Constrói-se, assim, a memória histórica que do apelo individual atinge dimensão coletiva. Memória histórica que (re)cria o passado, operando temporalidade como textualidade, fundindo referências que estabilizam o presente. Passado como matéria-prima, memória, lembra Cinthia Brown, como elaboração discursiva:

Qual é a relação entre o passado, a memória e o texto histórico? Quando se fala em historiografia, é preciso dar conta de duas temporalidades, ou seja, o tempo em que se desenrolaram os acontecimentos contados e o tempo da redação da narrativa. A memória desempenha o papel de intermediária entre essas duas temporalidades, pois ela compreende inicialmente uma imagem mental do passado; é um fenômeno intelectual volátil, mas em seguida é aprisionada nas palavras. Em outros termos, a narrativa histórica, sobretudo a narrativa histórica escrita, constitui a concretização e mesmo a imobilização da memória do passado. A memória assim congelada acaba por se tornar uma das poucas expressões tangíveis do tempo corrido; concretiza-se, porém, em diferentes formas de representação. Na medida que o escritor determina essas formas, ele exerce um poder maior ou menor sobre o passado.<sup>9</sup>

---

8 Idem, *ibidem*, p. 235.

9 Brown, C.J. “Mémoire et histoire: la déformation de la réalité chez les rhétoriciens à la fin du Moyen Âge”, in Zumthor, P. e Roy, B. *Jeux de mémoire*. Montreal, Presses de l’Université de Montreal, 1985, pp. 43-4.

Pelo texto, estabelece-se o controle do passado, possível conforme a maneira de elaborar o contato entre esse passado e o presente. A memória histórica nasce, dessa forma, dentro da narrativa histórica, encontrando seu lugar na estratégia adotada de representação e fixação de uma dada lembrança do vivido. Mais do que pura representação, a memória afirma-se diferentemente da história pela capacidade de assegurar permanências, manifestações sobreviventes de um passado muitas vezes sepultado, sempre isolado do presente pelas muitas transformações, pelos cortes que fragmentam o tempo. Memória como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o hoje inexistente. Projecção do passado no presente, identificação de marcas de uma continuidade pouco notável e certamente não obrigatória.

Constantemente afeiçoada ao passado, desejosa de sua permanência e disposta a resgatá-lo, a memória não reside exclusivamente nos textos. O encontro dos vestígios que permitem sua recuperação pode ocorrer em outros lugares, segundo outras matrizes que não as textuais<sup>10</sup>. As materializações desse passado prestes a ser repostas são sempre compostas na tensão entre o indivíduo e o coletivo, no resultado inevitavelmente coletivo mesmo dos esforços individualizados de retorno. Base para possíveis identificações, lugar dos hábitos, das recordações – que, não custa lembrar, contêm, na própria palavra, a potência afetiva do passado revisto: *cor* – e das lembranças, a memória é dotada de uma flexibilidade que permite a combinação entre indivíduo e coletivo: sempre pessoal e sempre apoiada em referenciais coletivos, repertórios a serem individualmente apropriados e seletivamente repostos. Paradoxal na aparência, caleidoscópica, permite, num giro, lento ou súbito, uma nova combinação dos cristais da lembrança; receptáculo, garante que *de tudo fica um pouco*, que de tudo fica tudo, mesmo que o acesso seja incerto. Passado materializado numa espécie de atmosfera coletiva de que todos podem usufruir quando desejarem visitar os tempos idos. Falando de Paris, Maurice Halbwachs retrata essa atmosfera:

Houve uma Paris de 1860, cuja imagem está estreitamente ligada à sociedade e aos costumes contemporâneos. Não basta, para evocá-la, procurar as placas que homenageiam as casas onde viveram e onde morreram alguns personagens famosos dessa época, nem ler uma história das transformações de Paris. É na cidade e na população de hoje que um observador observa bem os traços de outrora, sobretudo nas zonas menos nobres, onde se

---

10 Veja-se, por exemplo, a interessante discussão de David Lowenthal sobre os espólios da história em *Possessed by the past. The heritage crusade and the spoils of history*. New York, The Free Press, 1996.

refugiam pequenas oficinas e, ainda, em certos dias ou certas noites de festa popular, na Paris comercial e operária, que mudou menos do que a outra. Mas, Paris de outrora se encontra talvez melhor ainda nas pequenas cidades de província, de onde não desapareceram os tipos, os costumes mesmo, e os modos de falar que encontraríamos à rua Saint-Honoré e nas avenidas parisienses do tempo de Balzac.<sup>11</sup>

A Paris memorial de Halbwachs funciona como um quadro vivido fora de seu tempo: é contexto, mas alheio a seu momento de origem; é a base, o conjunto que unifica vontades e intencionalidades individuais de reapropriação do passado. Na validação da experiência do indivíduo, a conexão entre o passado pessoal e uma memória coletiva ou história pública determinam ou reiteram uma identidade que pode, muitas vezes, parecer frágil, mas que é continuamente nutrida pelo exercício da lembrança e por sua ligação a temporalidades passadas, a episódios de que não participamos, mas que ilustram um vínculo comum a homens em sociedade. Marcas que o presente ou que outros passados não apagam, elas se expressam de forma fugidia, subjetiva, lançada do centro às margens. As margens como lugar de conservação ou produção de referências. Espaço possível de culto ao passado como forma possível de não perdê-lo no caos da história acelerada do presente. Aceleração da história que, de resto, para Pierre Nora, ilumina sempre o debate sobre a memória, tornando-o inevitável:

Aceleração da história. Para além da metáfora, é preciso dar-se conta do que a expressão significa: uma oscilação cada vez mais rápida num passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura do equilíbrio. A extração do que ainda restava de vivido no calor da tradição, no emudecimento do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso profundo de um sentimento histórico. O acesso à consciência de si sob o signo do findo, o arremate de algo desde sempre iniciado. Fala-se tanto na memória porque ela não existe mais. A curiosidade pelos lugares onde se cristaliza e se refugia a memória está ligada a esse momento particular de nossa história. Momento de dobra, quando a consciência da ruptura com o passado confunde-se com o sentimento de uma memória dilacerada; mas quando o dilaceramento ainda desperta memória suficiente para que possa ser colocado o problema de sua encarnação. O sentimento da continuidade torna-se residual nos lugares. Há lugares de memória porque não há mais meios de memória.<sup>12</sup>

---

11 Halbwachs, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990, p. 69.

12 Nora, P. “Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux”, in *Les lieux de mémoire I. La République*, p. xvii. Veja-se também, antecipando algumas discussões que faz em *Les lieux de mémoire*: Pierre Nora. “O retorno do fato”, in Le Goff, J. e Nora, P (orgs.). *História: novos problemas*.

Face à ameaça do esquecimento, dada pela aceleração proporcionada pelo presente, cria-se uma espécie de obsessão pelo passado traduzida em obsessão pela memória. A identidade buscada só nela pode ser encontrada; a memória recupera a história vivida, história como experiência humana de uma temporalidade, e opõe-se à história como campo de produção de conhecimento, espaço de problematização e de crítica. Na operação histórica, o passado é tornado exclusivamente racional, destituído da aura de culto, metamorfoseado em conhecimento, em representação, em reflexão; na constituição de memória, ao contrário, é possível reincorporar a ele, passado, um grau de sacro, de mito.

Da sensação de perda à ânsia de recuperar o passado: nesse trajeto enuncia-se a vontade de memória e, mais, o dever, a ordem de lembrar. Uma forma da memória que, vinda de fora para dentro do indivíduo, dialoga com seu passado pessoal e imprime-lhe formas coletivas de compreensão. É uma resposta às transformações que, lançando o homem do XIX no lufa-lufa do urbano, tentam dissipar suas lembranças e designar um presente absoluto. Não é por acaso, lembra Nora, que o fim do XIX foi fértil em aparições de trabalhos relacionados ao estudo da memória em vários campos de reflexão: Henri Bergson a coloca no centro de suas indagações filosóficas, Sigmund Freud a situa como base de suas investigações da personalidade psíquica, Marcel Proust a torna o eixo de uma produção literária fortemente autobiográfica que, a partir de uma madalena mergulhada em chá de tília, renova a escritura do XX. A memória migra para além da história, assumindo dimensões psicológicas, íntimas e subjetivas. Em Bergson, percepção e intuição *deságuam nos labirintos da memória*, vinculando-se à uma consciência de um passado que, filtrado pela exacerbação da instantaneidade presente, só se mantém vivo se resgatado por meio de imagens e estratégias representativas<sup>13</sup>. Em Freud, a cena primitiva, entranhada nos labirintos do inconsciente, é recuperada como fundante da personalidade psíquica e *lugar de memória* ao mesmo tempo íntimo e universal<sup>14</sup>. Em Proust, a manifestação involuntária da memória no ato de calçar uma

---

13 Não se pretende, aqui, discutir Bergson, Freud ou Proust. Sua presença, mediada pela interferência de Nora, tem sentido apenas ilustrativo, demonstrando a emergência de uma preocupação com a memória no final do XIX, base da necessidade de constituição dos *lugares da memória*. Para um aprofundamento nas discussões bergsonianas acerca da memória, veja-se: Bergson, H. *Matière et mémoire* (1896). *Œuvres*. Paris, PUF, 1991.

14 Veja-se: Freud, S. *Psicopatologia de la vida cotidiana* (1901). *Obras completas*. Tomo 1, Madri, Biblioteca Nueva, 1981.

botina, na madalena – simples bolinho que revela a infância – mostra um mundo memorial guardado no esquecimento, prestes a se revelar, prestes a mostrar o peso das lembranças, também pessoais e coletivas, apropriadas pelo indivíduo a partir de um repertório ampliado, coletivamente tecido<sup>15</sup>. Nos três registros, a noção de um passado a ser recuperado, uma memória a ser revitalizada por meio da relação pessoal com os tempos idos. Se a aceleração da história partiu a história-memória, a memória subjetivada emerge como resposta possível frente à ameaça de dissipação do passado. Não é mais a história – problematização, crítica –, mas a memória que (re)conecta o homem contemporâneo, presa do quadro rarefato da modernidade, ao passado enquanto fonte de identidade, estatuto de origem.

Essa memória particularizada, resultado da vontade do passado, é, em si, um dever: dever de lembrar como forma de recuperar um passado que situa.

Memória que repõe a discussão sobre a importância da narrativa como local de colagem e expressão de fragmentos, dos estilhaços que significam origem, que o memorioso autentica como referências, como duvidoso espelho em que se mirar. Na constituição da figura do memorioso e em sua posterior passagem à noção de *lugar de memória*, distingue-se o ofício de lembrar – atributo da memória – da operação de historicizar. O referente do lembrar encontra-se no próprio ato, que o cria, não o vinculando necessariamente à experiência vivida, eixo de preocupação do historizar. Para o memorioso, assim como para os *lugares de memória*, a experiência pode ser trocada pela ficcionalidade de uma lembrança fortuita, escapando da história e de seu referente – mesmo que muitas vezes apenas por efeito de discurso. Trancados em seu universo só aparentemente restrito, o memorioso e os lugares constituídos para autenticar a presença do passado flanam em torno das múltiplas configurações desse mesmo passado continuamente reescrito, retocado, exorcistas do presente furioso de mudanças.

Na amplitude dos significados que abre, a memória, expressa nos *lugares*, distancia-se da história, dialoga com a ficção. Notando a necessidade de que a história hoje seja feita na perspectiva de uma *história da memória*, vários autores reforçam a base crítica sobre a qual opera o historiador, sustento alheio à memória em si, fundamento de uma historiografia que principia quando a obsessão apaixonada da memória é posta em suspenso e o passado é percebido pelo filtro da razão. Se, por um lado, memória

---

15 Veja-se: Proust, M. *Em busca do tempo perdido*. Lisboa, Livros do Brasil, sem data, 7 volumes (originais: 1913-1927).



e história conciliam-se como exercitadoras do fazer historiográfico, por outro, não se perde sua distinção de origem, não se dissolve o local dissonante de atuação do historiador e do memorioso, cada um respondendo diversamente ao chamado do passado e às agruras do presente.

Do historiador ao memorioso, do memorioso ao historiador. Passagens, divisões, é claro, imperfeitas, tramadas numa fronteira porosa. Bordas em que tudo que perdemos pode ser subitamente nosso, tudo que é próprio pode instantaneamente desfazer-se. Trama que assegura a duvidosa possessão do passado, a fascinante construção do passado. Dos muitos passados, dos muitos tempos em que vivem nossas memórias.